XVII SIIU
Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo
21 a 22 agosto 2025
CAMPINAS
VALENCIA
19 a 20 junho 2025
DOI: 10.5821/siiu.14470

O PERCURSO DE GORDON CULLEN NA PAISAGEM URBANA DE ARAGUARI-MG:

Entre visualidades e subjetividades

GORDON CULLEN'S PATH IN ARAGUARI-MG URBAN LANDSCAPE:

Between visualities and subjectivities

SILVA, Carolina[1]
CASTRO, Nayara[2]

Abstract
This article investigates whether interpretations of the urban landscape are collective or strictly individual, using Gordon Cullen's method as an analytical tool. Based on the pillars of "optics", "place" and "content", the study incorporates illustrative representations of the landscape of the city of Araguari (MG) and it combines this approach with the concept of "imaginary" proposed by Laplantine and Trindade (1996). The results reveal that the urban landscape is simultaneously a material and symbolic construction, influenced by physical, cultural and historical elements, as well as by individual experiences. When applying Cullen's method in Araguari, it became clear that perceptions vary according to the angles and descriptions adopted, reinforcing the idea that the urban is a polysemic and dynamic territory. In addition, Cullen's concept of "serial vision", which organizes the city into evocative visual sequences, was shown to be expanded by the addition of the imaginary, allowing for a more inclusive and multidimensional analysis. This study reinforces the importance of recognizing subjectivity in urban experiences and proposes a sensitive reading of the landscape, which values the diversity of narratives and interpretations present in the city.

Keywords: *Urban landscape, imaginary, serial vision, subjectivity.*

Resumo
Este artigo investiga se as interpretações da paisagem urbana possuem caráter coletivo ou são estritamente individuais, utilizando o método de Gordon Cullen como ferramenta analítica. Baseando-se nos pilares "ótica", "local" e "conteúdo", o estudo incorpora representações ilustrativas da paisagem da cidade de Araguari (MG) e combina essa abordagem com o conceito de "imaginário" proposto por Laplantine e Trindade (1996). Os resultados revelam que a paisagem urbana é simultaneamente uma construção material e simbólica, influenciada por elementos físicos, culturais e históricos, bem como pelas experiências individuais. Ao aplicar o método de Cullen em Araguari, evidenciou-se que as percepções variam conforme ângulos e descrições adotados, reforçando a ideia de que o urbano é um território polissêmico e dinâmico. Além disso, o conceito de "visão serial" de Cullen, que organiza a cidade em sequências visuais evocativas, mostrou-se ampliado pela adição do imaginário, permitindo uma análise mais inclusiva e multidimensional. Este

[1] UFU (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo), Brasil, ORCiD 0009-0006-2751-138X e-mail: carolina.bernardes.silva@gmail.com.
[2] UFU (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo), Brasil, ORCiD 0009-0009-5202-4390 e-mail: nayarag_oliveira@ufu.br.

estudo reforça a importância de reconhecer a subjetividade nas experiências urbanas e propõe uma leitura sensível da paisagem, que valorize a diversidade de narrativas e interpretações presentes na cidade.

Palavras-chave: *Paisagem urbana, imaginário, visão serial, subjetividade.*

Área temática: *Cidade.*

Subárea temática: Morfologia Urbana.

1. Introdução

Estudos recentes apontam que a paisagem urbana é um reflexo direto da interação entre elementos físicos, culturais e históricos que compõem o espaço e as experiências individuais dos observadores. Ao explorar as dimensões culturais dos espaços públicos, ressalta-se como a arte e o design nesses locais criam memórias compartilhadas e identidades coletivas que enriquecem o tecido cultural urbano (Yavuz, Acar & Ataoğlu, 2020). Além disso, infere-se que os ambientes naturais e construídos influenciam coletivamente as interações humanas e as preferências espaciais, apresentando as paisagens urbanas como entidades dinâmicas moldadas tanto pelo design estrutural quanto pelo comportamento humano (BOUZGARROU *et al.*, 2021).

No âmbito individual, percebe-se que os encontros ambientais nas paisagens urbanas formam "ciclos" de percepção, nos quais as identidades pessoais se entrelaçam com o engajamento espacial. Tal perspectiva demonstra que o significado das paisagens urbanas é co-construído pelo observador e pelo ambiente (Coles *et al.*, 2013). Segundo Kellams (2017), narrativas pessoais e emocionais criam mapas cognitivos que conferem significado a lugares específicos na cidade, influenciando tanto a memória coletiva quanto a identidade individual. Dessa forma, experiências marcantes geram maior impacto e permanência na relação com o espaço.

Conforme Gordon Cullen propõe em seu livro Paisagem Urbana, publicado originalmente em 1961, a "visão serial" se apresenta como um método para compreender e organizar a cidade em sequências visuais que evocam respostas emocionais. Tal abordagem destaca transições, surpresas e contrastes visuais, permitindo uma leitura narrativa e dinâmica da cidade. Na introdução adicionada à edição de 1971, Cullen reforça a atualidade de sua teoria, criticando intervenções urbanas superficiais que não capturam a essência da paisagem urbana. Em suma, o método de Cullen é contrário a uma perspectiva estática e plana da cidade: a "visão serial" interpreta o cenário urbano como uma série de experiências visuais que se desenvolvem à medida que o indivíduo se desloca pela cidade, sendo assim uma percepção sequencial do espaço, isto é, como o ambiente é apresentado ao observador em movimento, funcionando como uma espécie de narrativa visual urbana.

Embora o método de Cullen continue relevante, críticas à sua abordagem estritamente visual surgem, demandando complementações teóricas. Estudos como os de Lopes e Rocha (2020) integram elementos de Gehl e Careri, aprofundando a análise da paisagem para além da visão. Por outro lado, Engler (2018) traça paralelos entre Cullen e o paisagista Humphry Repton, ao destacar como ambos exploraram a "performance de imagens" para moldar percepções e criar apelos emocionais.

Este artigo propõe enriquecer a discussão ao combinar o método de Cullen com o conceito de imaginário, de Laplantine e Trindade (1996), que amplia a análise ao considerar interpretações simbólicas e subjetivas dos observadores. Para Laplantine e Trindade, o imaginário pode ser entendido como uma estrutura coletiva de símbolos e significados que organiza a experiência e a percepção do mundo. O imaginário é um caminho para o real, permitindo a recriação e reinterpretação da realidade por meio de símbolos e imagens que espelham tanto vivências pessoais quanto coletivas. Não obstante, este conceito diverge de “imaginação”, que por sua vez, é uma habilidade pessoal da mente, que permite a formação de imagens mentais através da recordação ou da criação espontânea.

O conceito de Laplantine e Trindade pode ser entendido de forma muito similar ao de Gilbert Durand (1997), em que se argumenta sobre o imaginário como um aspecto estruturante da experiência humana, formado por sistemas simbólicos que estruturam a percepção e conferem sentido à realidade. Dessa forma, o “imaginário” nesta pesquisa, é entendido como um conjunto dos conceitos já definidos, podendo se resumir na capacidade do observador de dar significados e interpretações da realidade.

Para tanto, aplicou-se o método de Cullen ao centro urbano de Araguari, cidade média do Triângulo Mineiro, cujo centro urbano apresenta dinâmicas urbanas e sociais significativas. O foco recai sobre como ângulos, descrições e ilustrações revelam variações na percepção de um mesmo espaço, corroborando a ideia de que o urbano é um território polissêmico e dinâmico. Ao registrar e interpretar um trajeto sob diferentes perspectivas, a discussão gerada permeia o processo analítico, evidenciando a multiplicidade de narrativas possíveis em um único ambiente, enriquecendo a compreensão da paisagem urbana como uma construção tanto material quanto simbólica. Assim, propõe-se uma leitura mais ampla e sensível da paisagem, considerando a multiplicidade de narrativas e interpretações possíveis.

2. Objetivos

O presente artigo tem como objetivo geral investigar se as interpretações da paisagem urbana possuem caráter coletivo ou se são estritamente individuais. A metodologia adotada baseia-se na análise visual, utilizando o método “visão serial” de Gordon Cullen, por meio de representações ilustrativas da paisagem observada na cidade de Araguari (MG), ampliando a discussão com a obra de Laplantine e Trindade, que aborda o conceito de imaginário.

3. Desenvolvimento da pesquisa/projeto

A pesquisa adota a metodologia apresentada por Gordon Cullen no livro A Paisagem Urbana, utilizando o conceito de "Visão Serial" para analisar a paisagem urbana, que apresenta uma abordagem estruturada em três aspectos principais: visão, local e conteúdo.

A visão refere-se à experiência visual dinâmica da cidade, caracterizada pela "visão serial", na qual a percepção do observador se transforma conforme ele se desloca, revelando contrastes e surpresas que evitam a monotonia.

O local está relacionado às reações do observador à sua posição no espaço, abrangendo transições entre ambientes abertos e fechados, além do impacto emocional de diferentes configurações espaciais, como observado por Cullen: “[...] diz respeito às nossas reações perante a nossa posição no espaço” (Cullen, 2002, p. 11).

Já o conteúdo abrange “[...] a própria constituição da cidade: sua cor, textura, escala, o seu estilo, a sua personalidade e tudo o que a individualiza” (Cullen, 2002, p. 13). A combinação desses aspectos, segundo Cullen, é essencial para promover ambientes ricos e emocionantes, cruciais para uma cidade funcional e vibrante.

A abordagem de Cullen apresenta o conceito de "Aqui e Além", que propõe uma relação dinâmica entre o ponto de vista do observador (o "Aqui") e os elementos do espaço que atraem sua atenção e despertam curiosidade (o "Além"). Essa perspectiva ganha profundidade com as contribuições de Laplantine e Trindade (1996), em O que é Imaginário, ao explorarem como o imaginário contribui para a construção de significados que moldam a percepção do espaço. A integração desses dois enfoques possibilita avaliar como a paisagem urbana é simultaneamente experienciada como objeto concreto e imaginário, destacando a subjetividade inerente ao processo de percepção.

Enquanto Cullen organiza a paisagem urbana em cenas sequenciais e contrastantes, Laplantine e Trindade sugerem que o real é construído pela subjetividade do observador, que atribui novos significados ao que vê. Assim, o "Aqui" não se limita a um ponto de partida físico, mas representa um lugar simbólico de interpretação individual, enquanto o "Além" engloba tanto expectativas visuais quanto projeções emocionais e culturais.

Desse modo, propõe-se a hipótese de que as interpretações da paisagem urbana, embora carregadas de subjetividade pelo “imaginário”, podem revelar interpretações e significâncias similares ou distintas quando analisadas pelo método de Cullen. Para explorar essas discussões, decidiu-se realizar um mesmo percurso no centro da cidade de Araguari-MG, adotando dois pontos de vista distintos. O trajeto foi percorrido de forma linear, com caminhada a passo uniforme, permitindo que as cenas se revelassem gradualmente e estabelecessem novos pontos de observação.

Em cada ponto, foram selecionadas paisagens específicas para registro, utilizando setas com cores distintas para indicar os ângulos observados. As setas vermelhas representam os ângulos registrados por Castro, enquanto as setas azuis representam os ângulos observados por Silva. Os pontos de observação foram numerados de P01 a P10, e as paisagens foram representadas por ilustrações

artísticas, que reforçam o pressuposto do imaginário individual e suas diferentes interpretações. Para identificar as ilustrações, adotou-se um código de diferenciação: a letra "C" para Castro (P01C) e a letra "S" para Silva (P01S), conforme as cores previamente descritas.

O percurso teve início em um ponto elevado, a Igreja Nossa Senhora do Rosário (P01), de onde foi possível observar a silhueta da cidade. A partir desse ponto, a caminhada seguiu em direção ao ponto de focalização da visada inicial, a Igreja Matriz Senhor Bom Jesus da Cana Verde. Após isso, o percurso foi orientado pelos instintos visuais das pesquisadoras, guiados pelas paisagens que emergiram ao longo do caminho. O trajeto ocorreu durante o período da tarde, começando sob uma leve chuva que rapidamente cessou, seguida por sol intenso, e finalizando no fim da tarde, sob condições de sol ameno e sem precipitação.

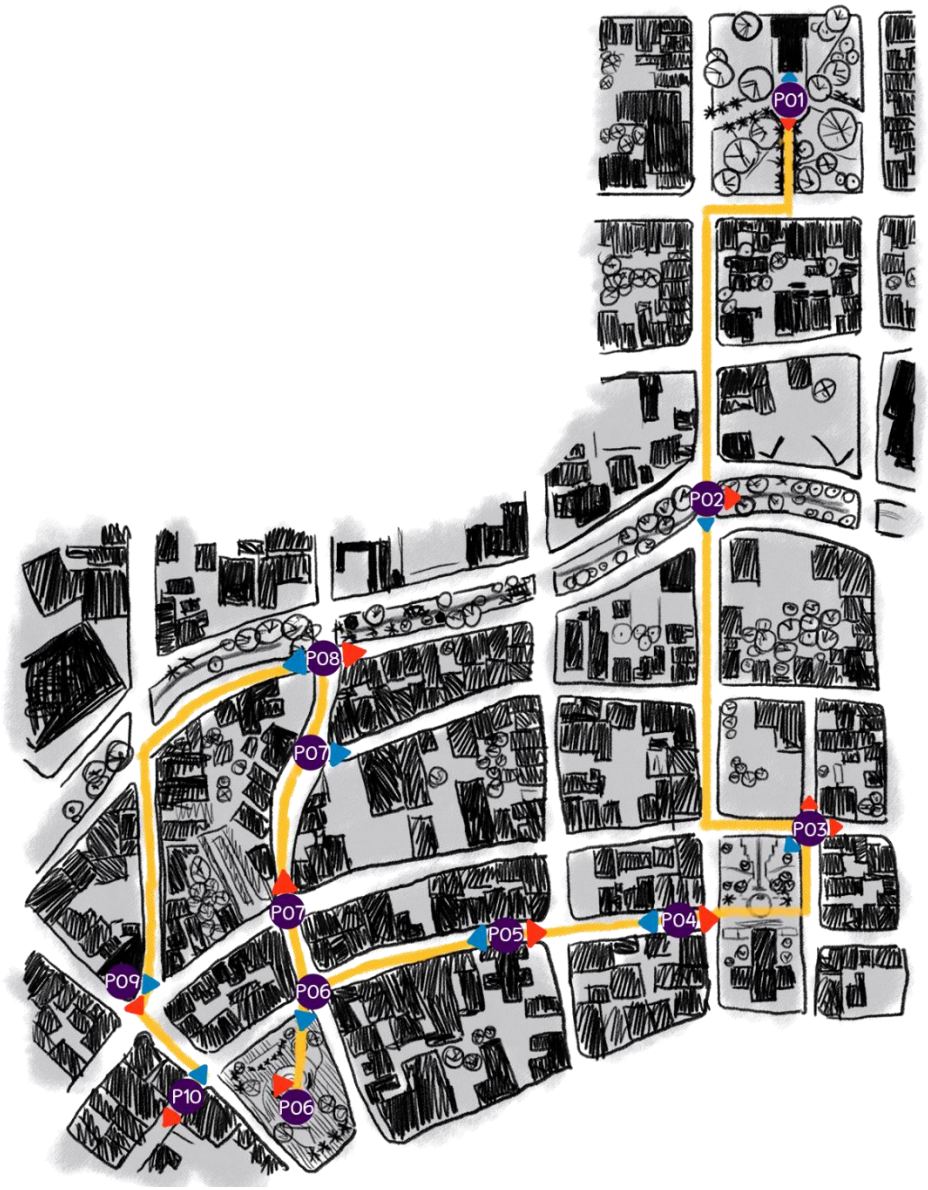


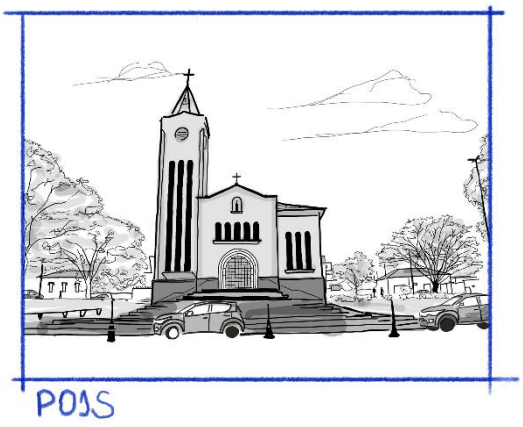
Fig. 1 *Mapa do percurso: Os pontos estão numerados de 01 a 10 e possuem setas indicando a direção do olhar de cada pesquisadora na observação da paisagem, sendo as setas vermelhas referentes a Castro e as setas azuis referentes a Silva.* Fonte: Castro & Silva (2024)

4. Resultados

As imagens apresentadas são as representações artísticas das paisagens observadas durante o percurso. Em cada quadro, são destacados os principais itens identificados pelas autoras, enquanto as

considerações são ponderadas abaixo de cada um dos pontos, contextualizando o que se passava no local e quais foram as nuances que permitiram identificar os itens destacados nos quadros.





P01C: Desníveis, continuidade, focalização, entrelaçamento.	P01S: Edifício como escultura; Caligrafia; Divisão de espaços.

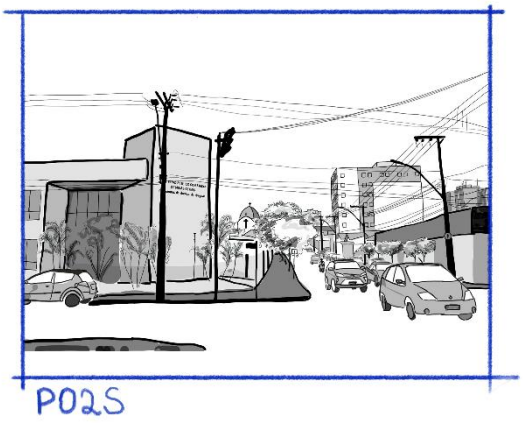
Fig. 2 e 3 *Representações do ponto 01.* Fonte: Castro & Silva (2024)

No ponto 01, observado às 14h47m, identificado como Igreja Nossa Senhora do Rosário, houve diferenciação das sensações pelas autoras, apesar de estar exatamente no mesmo ponto, apenas com a diferenciação de ângulos. Para Silva, a igreja se mostrou um edifício como escultura, em que os detalhes do edifício despertaram o desejo pela representação, dado dessa forma, o item caligrafia. Ali, ocorrem diversas aulas e testes de direção, sendo possível observar os cones que delimitam a tensão de um exercício de baliza.

Por outro ângulo, para Castro o que se destaca é a relação de desníveis que dão à paisagem um senso de continuidade, o entrelaçamento ao aproximar do transeunte uma cena longínqua, e principalmente a focalização da Igreja Matriz Bom Jesus da Cana Verde que se destaca na paisagem e é carregada de significados culturais e históricos. A força que esse ponto de focalização exerceu na percepção da paisagem foi o que orientou a primeira decisão do percurso, a de se caminhar até a Igreja da Matriz.

Figura 3 – Representações do ponto 02.





P02C: Continuidade, apropriação pelo movimento, integração de árvores.	P02S: Exposição; expectativa; além; pormenores.

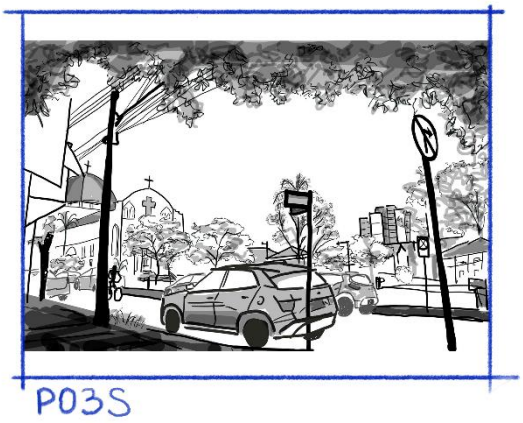
Fig. 4 e 5 *Representações do ponto 02.* Fonte: Castro & Silva (2024)

O Ponto 02, observado às 15h03m, com uma movimentação de tráfego intenso. A luz solar estava forte, e a sensação térmica abafada, apesar de conter algumas nuvens de chuva isoladas. Para Silva,

havia baixa viscosidade devido ao escasso mobiliário urbano naquele local. Ao estreitar os olhos, uma expectativa, que era o além conhecido através de pormenores: a igreja Bom Senhor da Cana Verde.

Em contraposição, para Castro, a paisagem mostra-se cativante pela integração de árvores e pela continuidade da sinuosidade convidativa da pavimentação onde a população pratica caminhada promovendo a apropriação pelo movimento.





P03C: Focalização, edifício barreira, contrastes, texturas, indício.	P03S: Intimidade; integração de árvores; perspectiva delimitada e velada; aqui e além.

Fig. 6 e 7 *Representações do ponto 03.* Fonte: Castro & Silva (2024)



P03C – ABRIGO: Pormenores, intimidade, texturas, integração de árvores

Fig. 8 *Representação do ponto 03.* Fonte: Castro & Silva (2024)

Neste ponto, às 15h11m, começou a chover. Para Castro, o olhar se fixou na paisagem revelada por uma rua de pedras, que trazia contrastes de texturas e escombros de um prédio histórico que ruiu como edifício barreira contrastando com uma casa em estilo colonial preservada, como ponto de focalização. A presença de vegetação definindo a linha do horizonte chamou muito a atenção e revelou um indício da paisagem do ponto 01, a torre da igreja Nossa Senhora do Rosário.

Nesse ponto a ocorrência da chuva fez com que as pesquisadoras procurassem abrigo, que foi encontrado embaixo de uma frondosa árvore. Apesar de já ter elegido seu ângulo de observação da paisagem, Castro sentiu a necessidade de registrar a cena acolhedora que as protegeu da chuva, que trazia texturas, pormenores, intimidade e integração de árvores.

De forma similar, para Silva, nota-se que a paisagem se mostrou intimista, com uma integração de árvores e a perspectiva delimitada e velada pelas árvores na praça. O local se mostrou como um refúgio da chuva de primavera.

DOI: 10.5821/siiu.14470





P04C: Ponto focal, integração de árvores, textura, praceta pública.	P04S: Silhueta; indício; barreiras e restrição, delimitação.

Fig. 9 e 10 *Representações do ponto 04.* Fonte: Castro & Silva (2024)

Após a breve chuva, às 15h30, a luz solar se apresentou forte novamente. Silva identifica no P04 uma via de mão única, com passeios regulares, promovendo a viscosidade com algumas mesas e cadeiras. No entanto, o prédio impede a visão do além, servindo como barreira visual. De costas para Silva, Castro identifica que a praça possui mobiliário urbano, porém a falta de sombras não os torna convidativos para a permanência, a integração das árvores e da vegetação esconde alguns pontos da paisagem e a pavimentação em pedra portuguesa agrega texturas. O olhar do observador para ao contemplar o monumento central da praça como ponto focal.





P05C: Silhueta, pormenores, Saliências e reentrâncias, escala.	P05S: Saliência e reentrância, delimitação, estreitamento, indício, pormenores.

Fig. 11 e 12 *Representações do ponto 05.* Fonte: Castro & Silva (2024)

No ponto 05, às 15h46m, se mostra uma rua sinuosa, onde Castro e Silva identificam alguns pontos em comum, apesar da visualização de ângulos diferentes. Castro percebe que a rua possui um grande prédio como silhueta na paisagem, que traz também uma relação de escala que toma o protagonismo da cena e faz com que todo o resto tenha sensação de pequeno.

Silva, com uma sensação de sufocamento, percebe o estreitamento da rua, com saliências e reentrâncias. Ao fundo, há indício de que a rua prossegue, mas o além é desconhecido.





P06C: Apropriação do espaço, desníveis, silhueta, perspectiva grandiosa, publicidade.	P06S: Praceta pública, além, perspectiva velada, desníveis.

Fig. 13 e 14 *Representações do ponto 06.* Fonte: Castro & Silva (2024)

Ao prosseguir a caminhada, às 15h55m, no ponto 06 houve uma pequena diferenciação de pontos, mas com olhares similares: ambos para a praça Manoel Bonito, mas com ângulos e posicionamentos distintos. Dada a situação, Castro percebe que a praça possui grande fluxo de pessoas e apropriação do espaço, principalmente nas arquibancadas e o desnível da praça com a silhueta dos prédios ao fundo criam a sensação de uma perspectiva grandiosa, outro fator identificado é a presença de publicidade nos prédios do entorno da praça de uso predominantemente comercial.

Por outro lado, Silva identifica uma grande movimentação na praceta pública, a qual possui viscosidade. A perspectiva, no entanto, é velada pela presença de árvores: o além é parcialmente ocultado.





P07C: Pormenores, complexidade, rudeza e vigor, textura, além desconhecido.	P07S: Identificabilidade, além, estreitamento, textura

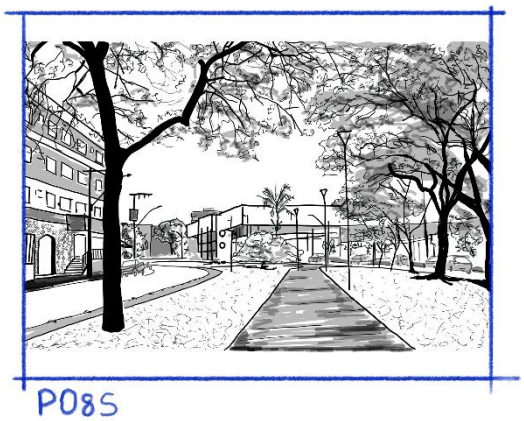
Fig. 15 e 16 *Representações do ponto 07.* Fonte: Castro & Silva (2024)

O ponto 07, às 16h07m, também há uma pequena diferenciação de localidade: Castro observa o início de uma rua sinuosa, em que o prédio da esquerda se destaca por suas texturas e sua rudeza e vigor, a rua se apresenta com muita complexidade e devido à grande sinuosidade e desnível o além é desconhecido. Aqui também foi identificado a definição da linha do horizonte a partir da arborização.

Um pouco mais abaixo, Silva pôde direcionar o olhar para uma ruela estreita, mas com grande presença de texturas e de fácil identificabilidade. Neste ângulo, há um ponto focal: o além, um prédio ao fundo.

DOI: 10.5821/siiu.14470



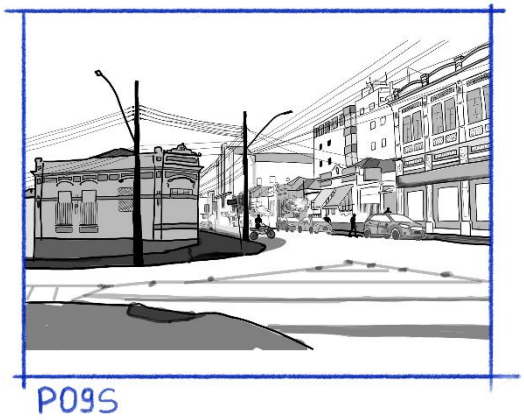


P08C: Complexidade, entrelaçamento, apropriação pelo movimento, viscosidade.	P08S: Aqui e além, intimidade, recessão, descontractação (pavimento)

Fig. 17 e 18 *Representações do ponto 08.* Fonte: Castro & Silva (2024)

Na avenida Coronel Teodolino Pereira de Araújo, demarcada como P08, às 16h20m, Castro e Silva estavam de costas uma para outra. Dessa forma, ambos olhares foram para a avenida, sendo possível identificar itens em comum, mas também itens distintos. Neste ponto, é possível identificar a complexidade da paisagem e o entrelaçamento dos elementos de mobiliário urbano e arborização, além de apropriação pelo movimento e viscosidade. Além disso, Silva identifica a intimidade gerada pelo encontro das copas das árvores e o pavimento com característica de "descontractação", que Cullen traduz em "traçados standardizados para todos os arruamentos, urbanos ou não, intolerantes e redutores das variações urbanas".



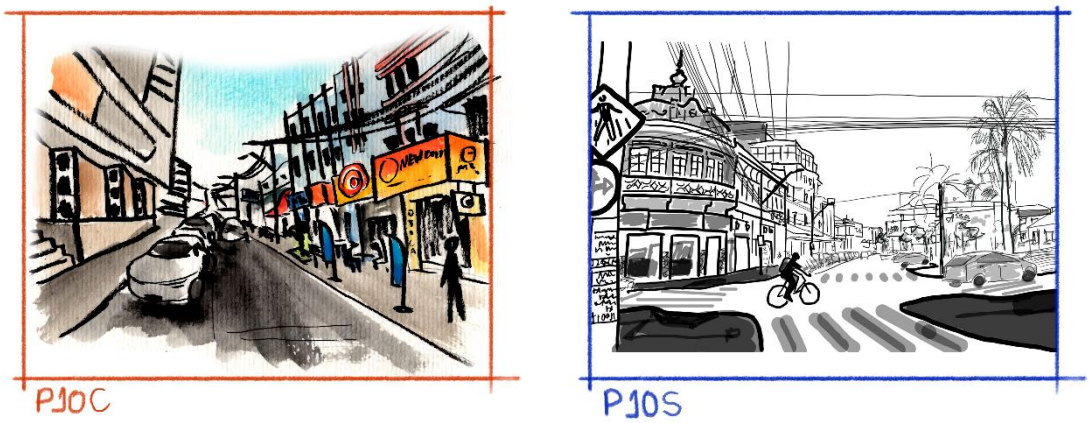


P09C: Enclave, expectativa, complexidade, contrastes.	P09S: Expectativa, divisão de espaço, saliências e reentrâncias, a rua.

Fig. 19 e 20 *Representações do ponto 09.* Fonte: Castro & Silva (2024)

Quase ao final do percurso, às 16h31m, o ponto 09 se mostrou com percepções deverasmente distintas: Silva percebe uma divisão de espaço delimitada pelo prédio com texturas e certa caligrafia, à esquerda. Aqui, a rua está muito delimitada, mas há expectativa de visualizar o além que se estreita entre edifícios.

Castro, por outro lado, observa a complexidade da paisagem a partir de um enclave, espaço interior aberto para o exterior, a cena gera expectativa para conhecer o além que se apresenta no horizonte.



P10C: Silhueta, continuidade, publicidade, a rua.	P10S: Identificabilidade, acidentes, contraste, aqui e além, instituição de código.

Fig. 21 e 22 *Representações do ponto 10.* Fonte: Castro & Silva (2024)

Por fim, o último ponto do percurso, às 16h40m, é marcado por contrastes, acidentes e identificabilidades para Silva. A instituição de código impõe o aqui, enquanto o largo da praça dá sensação de pausa à agitação do movimento do entorno.

Castro, por outro lado, observa a rua comercial com sensação de continuidade que possui silhueta definida por grandes prédios, muitos deles históricos, com seus térreos invisibilizados pela publicidade, que aqui pode ser caracterizada como poluição visual.

5. Conclusões

A aplicação do método de Cullen, enriquecido pela perspectiva do imaginário, demonstrou ser eficaz na captura da complexidade da paisagem urbana, revelando a multiplicidade de significados que emergem de um mesmo espaço. Quando reinterpretada como uma manifestação de um imaginário, a paisagem ganha nuances adicionais, refletindo não apenas as qualidades físicas do espaço, mas também as experiências subjetivas, culturais e emocionais que o observador projeta nesse ambiente.

Segundo o conceito de imaginário adotado, toda leitura ou análise passa pelo filtro do indivíduo que a produz, dessa forma não há como dissociar as individualidades daquele ser como formador de conhecimento. Apesar disso, toda leitura também está fortemente ligada ao objeto de análise, duas pessoas analisando o mesmo objeto podem chegar a conclusões distintas, mas sempre ligadas ao elemento analisado. Proposta uma análise com visões distintas sobre um mesmo percurso, entende-se a relação entre observador e seu imaginário como filtro, enquanto cidade, como objeto de leitura.

Isso mostrou que a paisagem urbana pode se desdobrar em diferentes imagens e significados: a dualidade de percepções evidencia como não somente o "aqui e além" é essencialmente subjetivo, mas toda a percepção da paisagem em si. Cada observador destaca elementos diferentes, que moldam a relação do indivíduo com a cidade, demonstrando como a paisagem urbana não é uma entidade fixa, mas um campo dinâmico de significados em constante transformação.

No âmbito do imaginário individual, "aqui e além" traduz as percepções singulares e as sensações pessoais que influenciam como alguém vivência e interpreta o espaço. Por outro lado, o "aqui e além" incorpora os significados compartilhados por uma comunidade ou cultura, onde certos elementos urbanos tornam-se ícones representativos de uma identidade local ou histórica. Por exemplo, a partir de observação empírica na cidade de Araguari (MG), o ponto 01 é amplamente conhecido pelos habitantes locais como o ponto de aulas e testes de direção, marcando a história de muitos habitantes da cidade, enquanto o ponto 08 é amplamente usado para caminhadas, sendo um local em que há apropriação pela comunidade local. Esses elementos não apenas atraem o olhar, mas também evocam camadas de significados construídas ao longo do tempo, consolidando-se como símbolos do imaginário social.

Do ponto de vista do imaginário, supõe-se que a sobreposição de percepções individuais também contribui para a construção de uma identidade compartilhada, visto que por meio da troca de perspectivas, a visão de um observador pode influenciar e expandir a interpretação de outro, gerando um diálogo simbólico que transcende a experiência pessoal. Apesar deste fenômeno ter acontecido neste estudo, não se pode generalizar o mesmo para o conceito de "imaginário coletivo", visto que este estudo é direcionado para uma análise em dualidade, não sendo possível afirmar com clareza se o mesmo fenômeno aconteceria em uma amostra maior da população.

Essa abordagem reconhece que a paisagem não é neutra; ela é vivenciada e interpretada de maneiras e pessoas diferentes. Portanto, a multiplicidade de paisagens gerada por diferentes pontos de vista em um único percurso reforça a ideia de que as vivências na cidade e a percepção da paisagem urbana não é uma relação fixa, mas uma construção viva, moldada continuamente pelas interações humanas com o espaço. Essa dinâmica ressalta a importância de reconhecer e celebrar a subjetividade nas experiências urbanas, integrando as diferentes narrativas que compõem a cidade.

Assim, a visão serial, ao ser aplicada em trajetos com diferentes perspectivas, revela como a paisagem urbana é interpretada de forma plural, servindo como palco para interações visuais e simbólicas. A integração desses enfoques propõe um olhar mais abrangente sobre o urbanismo, incentivando práticas que valorizem a subjetividade e a diversidade de narrativas no planejamento de cidades contemporâneas.

Para a finalidade de que a discussão seja aberta, recomenda-se que o estudo da percepção do espaço deve ser mais pesquisado e amplamente analisado, a fim que seja possível observar se as percepções podem ser similares de uma forma coletiva, com uma maior participação da população local de estudo. Por fim, a análise conclui que a percepção do espaço não é neutra, mas construída a partir de referências culturais e emocionais que projetam novos significados nos objetos observados.

6. Referências

ADAM, R. S. (2008). Analisando o conceito de paisagem urbana de Gordon Cullen. *da Vinci, 5*(1), 61-68.

CULLEN, G. (2002). *A paisagem urbana: tratado de estética urbanística*. 3ª ed. Lisboa: Edições 70.

DURAND, G. (1997). *As Estruturas Antropológicas do Imaginário* (S. Albornoz, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original: Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire, 1960).

KELLAMS, T. R. (2017). The mind, the narrative, and the city: How narratives of space make place in cognitive maps. *Urban Studies, 1*(2), 115-130.

ENGELER, M. (2018). Landscape and Consumer Culture in the Design Work of Humphry Repton and Gordon Cullen: A Methodological Framework. *Architecture_MPS*, *13*(2), 1-14.

LAPLANTINE, F. & TRINDADE, L. (1996). *O que é imaginário*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense.

LOPES, A. R. & ROCHA, B. J. (2020). A interface entre a paisagem urbana e o imaginário cultural: reflexões a partir de Gehl e Careri. *Revista Urbana, 12*(2), 34-56.

PAULA, D. A. & MIGUEL, A. (2022). A paisagem urbana de Tiradentes (MG): O olhar do observador a partir dos pressupostos de Gordon Cullen. *Paisagem e Ambiente: Ensaios*, *33*(49).

ROCHA, J. & LOPES, R. (2020). Paisagem urbana de Gordon Cullen: Uma leitura atualizada em Niterói-RJ. Em *XII Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo*, São Paulo/ Lisboa.

6.1. Fontes eletrônicas

BOUZGARROU, A. R., CHERIFA, Y. A. B., CLARAMUNT, C. & REJEB, H. (2021). Urban connectivity: Elements for an identification of Bir El Bey's preferential landscapes. *Urban Science*, *5*(55). Disponível em: https://typeset.io/papers/urban-connectivity-elements-for-an-identification-of-bir-el-2xs7j71ar0. (Acesso: 02/12/2024).

YAVUZ, A, ACAR, H. & ATAOĞLU, N. C. (2020). Urban readings on public art representations in landscape architecture. Em *ICCAUA 2020 Conference Proceedings (367-375).* Alanya, Turquia. Disponível em: https://typeset.io/papers/urban-readings-on-public-art-representations-in-landscape-33jxuz9thw. (Acesso: 02/12/2024).